



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ	-5. MAR. 1980	DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

# À unha!

por Maria Lygia

Após a vitória eleitoral, Sá Carneiro apareceu ao País como um cabo de forcados, pequenino e airoso, citando o toiro de caras, avançando num gingar pimpão, de braços arqueados na cinta, enfrentando a crise económica, a tranqüibérnia política, o ladrajar das «manifs», a campanha conseineiral, o surto de greves; tudo à uma, em bliccos, escarvando, ameaçando, figurado em besta de mau coice e pior marrada.

A um canto, Pintasilgo arqueja de riso, goza a picardia de haver passado a batata quente dos aumentos e dos agravos imprescindíveis ao Governo da Aliança, atraindo assim ao novo Executivo o descontentamento popular pela subida do custo de vida. Ali, na «Voz do Operário», em pleno delírio místico-revolucionário, Pintasilgo, aquecida, exaltada pela presença do Prec e do seu clero muito especial, lança como apoteose, sobre a assistência, uma mão cheia de cravos vermelhos — arremesso poderoso de lançador olímpico que vai mimar graciosamente Lourenço, torná-lo duas vezes histórico, depois da Guiné, depois da versalhada, dos febrões intelectuais, aparando na face, no bojo do ventre, o impacto abrutalhado da flor de Abril.

Não há dúvida de que desafiar a peito descoberto o temor raivoso daqueles que sugam regaladamente benesses partidárias à custa do erário público, desenconchar e pôr ao Sol os «deficits» monstruosos das empresas estatizadas, declarar a Rodoviária, a Notícias-Capital, a R.D.P., em situação económica difícil, limpar quadros, impor austeridade nas despesas públicas, tentando distribuir com mais equidade os sacrifícios exigidos à população, haveria que desencadear contestação e alarido. Ela aí está, a contestação, dentro e fora da Assembleia, espocando em greves, em desordem no Alentejo, paralisando os controladores do tráfego aéreo, a rede de camionagem que transporta todas as manhãs para o trabalho cerca de quinhentos mil cidadãos, os comboios da C.P., o sector da panificação. No meio do coro alarve e inconsciente da rapaziada contestária, o País verga, cada vez mais empobrecido, mais debilitado devido à hemorragia de milhares de contos de prejuízo por dia. Com efeito, embora a greve seja um

inalienável direito dos trabalhadores, usar dela em momento de crise tão aguda é como sangrar levemente um corpo já anemiado. Até Gonçalves tinha a noção disso quando, primeiro-ministro, por ocasião da greve da T.A.P., em 75, surgiu descabelado e fremente nos «ecrãs» da T.V., exprobando, aos arremessos, a atitude dos trabalhadores. Isso não se podia admitir (bramava ele de cabeça perdida), causava prejuízos colossais, milhares de contos por dia!

Abril, Abril! — ganem os aproveitadores, os parasitas incomodados no seu farniente, aqueles que vivem ainda no caldo excitante da revolucionarite anárquica. Pensar menos nos cravos e mais nas ferraduras que esmagaram a flor da esperança e da grande ilusão — parece dizer o Primeiro-Ministro ao repor no seu lugar o significado de Abril, arrancando-o à tutela furiosa de baladeiros revolucionários, de conselheiros da revolução, de políticos de todas as castas. Por seu lado, donas de casa, mães-defamília, reformados, desempregados, fazem as suas próprias contas do rescaldo de Abril, Abril sem véus, sem lirismos, sem clarinetadas, sem viola eléctrica: o aumento brutal do custo de vida, o rendimento do trabalho cada vez mais escasso para cobrir as despesas, ainda mesmo beneficiando de acréscimos periódicos, o elitismo na educação — pois, hoje, só quem tem disponibilidades pode aguentar o nível de despesas, transpor a armadilha dos anos perdidos em redor do propedêutico, concorrendo às universidades particulares —, o cada vez mais minguado poder de compra da pensão dos reformados, corporação esquecida a vegetar na fome e na trapagem da pobreza envergonhada; o descontentamento dos jovens à espera do primeiro emprego, sem oportunidade de viver, de singrar, afundando na droga, na libertinagem; e, circulando entre todos estes desesperos e frustrações, o desespero talvez maior da massa de refugiados ex-ultramarinos brutalmente decepcionados de seus empregos, de seus haveres, de seus lares, enxovalhados muitos deles até ao último reduto da dignidade humana. E, naturalmente, a pergunta raivosa estala, ouve-se de todos os lados, de todos os quadrantes: — É isto Abril? Quem traiu? Quem vai pagar por este logro, esta comédia, este estendal de misérias?

Seis anos depois de Abril, as greves em cadeia, em conluio, em marcha «aux flambaux», trazem estampado o cariz político, obedecem à mesma batuta, executam a ordem do dono: lançar a opinião pública contra o Governo que é necessário a todo o custo fazer cair, antes deste promover as medidas de recuperação, a fim de garantir a continuidade do controlo partidário através de postos-chave da Administração Pública, da Comunicação Social, da Cultura, onde quer que se alapem e governem os asseclas do sr. Cunhal ou a afilhadação do sr. Soares.

Falta o transporte para o trabalho, o pão para a mesa, para a creche, para o hospital, os aviões não voam, prejudicando o Turismo, as relações de comércio, a vida dos cidadãos? Que interessa? Aqueles muitos outros — a maioria — que sofrem da mesma forma as dificuldades do dia-a-dia, o agravamento dos preços, bovinamente, puxando um queixume resignado, irão pagar a greve, virão sofrer mais provações, quem sabe, talvez afundar...

Entrementes, muito acima destas ninharias laborais — acidentes de percurso democrático, em linguagem adequada — os senhores conselheiros discretemos pelos jornais, promovem-se, arranham o Governo, apostam com ânsia na reeleição de Eanes, esperança de continuidade de regalos e imunidades gozados até agora; no Casino do Estoril, o Presidente agracia Jorge Amado, amigo comum do defunto Neto, recordação nostálgica do sonho de Bisau, esquecendo ou ignorando a acrimónia do grande escritor contra a conduta das Forças Armadas em Angola; Eanes prova os quitutes baianos, escaudando a língua na pimenta do reino, mordente, excitante, abrasando as papilas, desmanchando a compostura de pedra, aquecendo o regelado verbo presidencial; enquanto isso, Soares, erguendo a cabecinha amachucada, chapinha à vontade nas águas turvas da greve e da contestação e, despudorado de todo, depois de haver deixado o País arrasado e pedinte, depois de haver ocultado o desastre sob o remendo dos empréstimos, vem agora, de dedão gorducho em riste, denunciar a ruínoza política económica do Governo!...